

Os Estudos Culturais e Os Estudos Feministas: aproximações para investigação doutoral¹

Ana Julia Della Mea Lotufo²

Flavi Ferreira Lisboa Filho³

Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS

RESUMO

Ancorados nos Estudos Culturais teórica e metodologicamente, buscamos apresentar, neste texto, uma reflexão sobre as relações entre Estudos Culturais e Estudos Feministas. Registramos, assim, um aparato teórico que inter-relacionou essas duas perspectivas visando construir parte de um referencial teórico de nossa pesquisa que está em desenvolvimento.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos Culturais; Feminismo; representação; mulheres; LGBTQIAPN+.

INTRODUÇÃO

Estudar questões relacionadas a grupos minoritários sempre foi uma tônica dos Estudos Culturais. Uma dessas minorias ofuscadas no âmbito midiático e que carecem de acurado detalhamento da construção histórica das representações que lhes são impostas pela mídia é o que se denomina como LGBTQIAPN+⁴. As pessoas pertencentes a esses grupos⁵, quando representadas na mídia, além do pouco destaque, muitas vezes, aparecem como criminosas, imorais, sexualizadas, afeminadas (no caso de homens gays), masculinizadas (no caso de mulheres lésbicas) ou seguem um padrão heteronormativo de vida. Esse fato é o ponto de partida para nossa tese⁶ que está em desenvolvimento e tem como objetivo analisar como são representadas as mulheres lésbicas no cinema brasileiro, tendo como base um recorte temporal, a partir da década de 1960. Diante disso, para este momento, propomos apresentar aqui um recorte de nossa pesquisa considerando a relação

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho Estudos Culturais e Identidades, evento integrante da programação do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 13 a 15 de junho de 2024.

² Doutoranda em Comunicação na Universidade Federal de Santa Maria, email: anajdml@gmail.com

³ Professor do Departamento de Comunicação na Universidade Federal de Santa Maria, Bolsista Produtividade do CNPq, email: flavi@ufsm.br

⁴ Sigla que se refere a Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans, Queer, Intersexo, Assexuais/Agênero, Pansexuais, Não Binários e mais.

⁵ Aqui utilizamos grupos no plural por considerarmos que cada letra da sigla LGBTQIAPN+ representa uma sexualidade e identidade de gênero, dessa forma, quem se identifica a uma dessas sexualidades tem uma luta e questão específica perante a sociedade, mesmo que se unam num movimento social em busca de espaço e/ou reconhecimento.

⁶ Este trabalho tem o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

dos Estudos Culturais com os Estudos Feministas, sendo essa construção parte integrante dos capítulos teóricos da tese.

O Grupo de Pesquisa Estudos Culturais e Audiovisualidades da UFSM, ao qual pertencemos, está ancorado, teórico e metodologicamente, na proposta de Raymond Williams (2003) sobre análise cultural, sendo ele um dos fundadores dos Estudos Culturais.

DISCUSSÕES TEÓRICAS

Desde sua formação, os Estudos Culturais têm como base epistemológica a ideia de se constituírem como estudos que vão além da análise de conteúdo da produção cultural material. Dessa forma, eles se ancoram nas investigações dos processos discursivos mediante os quais se formam e dão significado tanto aos objetos quanto às identidades. Nesse sentido, são muitas as pesquisas que se inserem na perspectiva dos Estudos Culturais que analisam questões de gênero, sexualidade, raça e classe sejam essas isoladas ou interseccionadas.

Sendo assim, a diversidade de formação dos pesquisadores que se agregaram nesta área de conhecimento, resultou em problemas abrangentes que se concentram em “resolver um conjunto de problemas culturais através do uso paradigmas teóricos, metodológicos e estilísticos de origem diversa” (BAPTISTA, 2009, p.456). O que percebemos diante disso é que diversas linhas de desenvolvimento das pesquisas foram se firmando através das décadas.

Para Baptista (2009) a área dos Estudos Culturais sempre foi paradoxal, sendo que sempre existiram divergências e debates a respeito das funcionalidades, teorias e métodos e limites que esta área de saber pode alcançar, se apropriar e produzir conhecimento. Os Estudos Culturais se caracterizam pela contestação dos limites socialmente construídos de categorias como gênero, classe e raça, considerando os diversos contextos sociais. Isso faz com que haja dificuldades de limitar ou de autolimitação, pois em sua essência essa área de conhecimento tem a dificuldade de se reconhecer de modo disciplinar.

Desde sua constituição, especialmente a partir da década de 1970, “os Estudos Culturais têm funcionado como agente e sintoma na reconfiguração da estrutura disciplinar quer das Humanidades, quer das Ciências Sociais, num processo que ainda

hoje está em curso e se encontra longe de estar terminado” (BAPTISTA, 2009, p. 452). Sendo assim, serviram também para desestabilizar fronteiras de disciplinas com longa tradição como História, Sociologia, etc.

Partindo desse contexto, as teorias feministas foram sendo inseridas dentro de vários campos de conhecimento - não só nos Estudos Culturais - nos comunicacionais e sociais foram sendo desenvolvidas pesquisas com um viés feminista. Entendemos, então, que, desde sua inserção em pesquisas acadêmicas “o Feminismo revolucionou o conhecimento científico, pois possibilitou uma nova visão desafiando a ordem social”⁷ (MONTIEL, 2011, p.4). Seguindo esta perspectiva proposta pela autora, destacamos que houve uma revolução nas áreas de conhecimento, pois a medida que as teorias feministas eram inseridas nas rotas teóricas das pesquisas, as reivindicações feitas pelas mulheres em outros âmbitos sociais se inseriam em uma perspectiva acadêmica, transformando as mulheres não só em sujeito de suas pesquisas como também o próprio objeto de estudo.

Diante disso, uma característica apontada por Baptista (2009) sobre os Estudos Culturais é que as análises aportadas nessa área de conhecimento têm o compromisso político de estudar o mundo. Muitas pesquisas que utilizam esta abordagem filiam-se a princípios da democracia cultural. Assim, de um modo geral, desde sua gênese no contexto britânico da década de 1960, os Estudos Culturais “estão geneticamente ligados a um modo de produção de análise cultural que faz convergir princípios e preocupações acadêmicas com uma exigência de intervenção cívica, ou seja, articula inquietações simultaneamente teóricas e preocupações concretas com a *polis*” (BAPTISTA, 2009, p.453).

A inclinação política pode aparecer de diversos modos dentro das pesquisas nessa área de conhecimento, sendo assim,

[...] o elemento ‘político’ pode estar apenas implícito, por exemplo, numa investigação que critica os discursos dominantes, usando toda a metodologia e modelos das ciências sociais mais objectivistas ou, num outro extremo, apresentar-se como pura desconstrução crítica, usando mesmo um acto performativo. (BAPTISTA, 2009, p.453)

⁷ “El Feminismo ha revolucionado al conocimiento científico, pues ha posibilitado una nueva visión desafiando al orden social” (MONTIEL, 2011, p.4)

Foi a partir dessas bases que se constitui o primeiro grupo de estudos que tinha a perspectiva dos estudos feminista e Estudos Culturais, o *Women's Studies Group*, formado em 1974 no Centro de Estudos Culturais Contemporâneos da Universidade de Birmingham. Conforme sinaliza Díaz (2009), logo após a criação do grupo, alguns dilemas surgiram, pois, inevitavelmente, as mulheres eram o sujeito e o objeto do seu próprio estudo. Isso gerava uma tensão que por um lado proporcionava um impulso político para realizarem seus trabalhos e, por outro lado, gerava certo desconforto para descobrir uma maneira de trabalhar e entender as incertezas que as pesquisadoras iam encontrando nas suas pesquisas, sendo elas mesmas mulheres que também se reconheciam nos estudos e compartilhavam experiências comuns com as que observavam nos objetos de estudo.

Ainda, Díaz (2009) sinaliza que um dos primeiros projetos que ocupou o grupo de estudos de mulheres, em 1974, foi o de pesquisar as imagens das mulheres nos meios de comunicação. Foi observado naquele período que as imagens das mulheres nos meios de comunicação eram tanto de mulheres como objeto sexual, quanto de mulheres como mães e donas de casa, e foi a partir dessa perspectiva que o *Women's Studies Group* tomou a decisão, naquele período, de desenvolver sua pesquisa por meio de uma análise marxista-feminista sobre a subordinação das mulheres. Nesse momento, as pesquisadoras enfrentaram desafios na articulação dos conceitos de sexo e gênero com o de classe, assim como tiveram o desafio de determinar a importância que esses conceitos tinham na luta política.

Diante disso, consideramos que esses desafios também estão inseridos no nosso contexto atual, pois muitos dos questionamentos que aquelas pesquisadoras tiveram naquele período são os que enfrentamos atualmente. Além de mulheres, nosso objeto de investigação se preocupa em analisar a representação de mulheres que se relacionam com outras mulheres, nesta dupla subrepresentação certamente poderemos identificar nas análises que serão realizadas futuramente; ainda, podendo se revelar um questionamento ainda mais complexo, pois entendemos que observaremos uma dupla opressão, primeiro por estarmos tratando de mulheres e segundo por serem mulheres que se relacionam com mulheres.

Além disso, assim como Montiel (2011) sinaliza que o saber filosófico é pautado pelo olhar masculino, entendemos que isso também ocorre quando se trata de produção

audiovisual no Brasil. Apesar das mulheres representarem mais de 50% da população brasileira, segundo pesquisa realizada⁸ pelo Instituto Gemma em 2014, apenas 13,7% dos filmes brasileiros são dirigidos por mulheres. Além do mais, se considerarmos a porcentagem de diretoras que são mulheres negras temos menos de 1% do total. Ao observar estes dados, fica mais evidente o porquê das produções audiovisuais brasileiras, muitas vezes, trazerem uma visão simplória de mulheres ou de pessoas LGBTQIAPN+. Não são essas pessoas que estão produzindo, não são essas pessoas que falam sobre elas mesmo, o que temos em um cenário geral são homens, heterossexuais, brancos que ditam o ritmo das produções, assim, as histórias acabam por serem contadas a partir de suas óticas, geralmente, machistas, excludentes e patriarcais.

Nesse sentido, assim como Montiel (2011) propõe é relevante reconhecer a importância da ética feminista nas pesquisas em comunicação, pois ela constitui um potencial transformador, penso que devemos perguntar: “onde está a ética feminista nas produções audiovisuais?” Mulheres já vêm sendo representadas sexualizadas, subordinadas, invisibilizadas há décadas, mesmo que mais recentemente existam alguns exemplos de personagens heroínas ou que o protagonismo feminino esteja sendo exaltado, há muito ainda para avançar, para que possamos ver igualdade, diversidade e representatividade de gênero, raça e sexualidade em produtos midiáticos. É bem verdade que isso se mostra distante em quase todos os contextos sociais, não é apenas um problema que identificamos na mídia, mas sim estruturalmente enraizado na sociedade como um todo, e assim é reforçado, (re)construído, representado e por vezes debatido nas mais diversas produções audiovisuais. Dessa forma, para que haja a utilização da ética feminista como um potencial transformador também nas produções audiovisuais, devemos lutar para que deixe de haver resistência em conversar com o Feminismo.

A partir deste diálogo, será importante “evitar reduzir o gênero a uma categoria, e situarmos como uma perspectiva necessária, para a proliferação nas implicações políticas-teóricas da relação mulheres e comunicação”⁹ (MONTIEL, 2011, p.5). Se essa vem sendo uma tarefa árdua nas pesquisas em comunicação, com certeza é um longo desafio a ser percorrido também no fazer comunicacional. A relação estrutural das

⁸ Informação retirada de < <https://www.mulheresaudiovisual.com.br/sobre-mulheres-audiovisual> > Acesso em: 20/06/2023.

⁹ “debemos evitar reducir el “género” a una categoría, y situarnos en ella como una perspectiva, necesaria, para la profundización en las implicaciones teórico-políticas de la relación mujeres y comunicación.” (MONTIEL, 2011, p.5).

desigualdades sociais, das estruturas de poder como modo de explicar as causas estruturais da subordinação das mulheres é expressa nos processos comunicacionais, sejam eles vistos pelo ângulo da produção, recepção ou das representações midiáticas incluídas em determinado produto midiático.

As complexidades subjacentes em torno da feminilidade se mostram evidentes também nas representações midiáticas das mesmas. Até mesmo o uso da palavra mulher já gerava questionamentos nas primeiras pesquisas que relacionavam os Estudos Culturais e o Feminismo, conforme sinaliza Díaz (2009). Este é um ponto também relevante quando estudamos as representações midiáticas de mulheres lésbicas, a não expressão de uma feminilidade padrão, a comparação dessas mulheres com homens, podem ser traços recorrentes nessas representações midiáticas.

Diante disso, considerando que os Estudos Culturais têm por proposta se dedicar a interpretar, debater e até mesmo repensar questionamentos presentes na sociedade, analisar os fenômenos culturais de modo interdisciplinar com a intenção de trazer em suas análises um viés político, social e cultural é o foco da nossa pesquisa que está em desenvolvimento. Portanto, mostra-se válida para a nossa pesquisa a união de questões feministas com a perspectiva dos Estudos Culturais.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, Maria M. Maria Manuel Baptista, Estudos culturais: o quê e o como da investigação, **Carnets, Cultures littéraires**: nouvelles performances et développement, n° spécial, automne / hiver 2009, pp. 451-461. <http://carnets.web.ua.pt/> Disponível em: http://ppg.fumec.br/ecc/wp-content/uploads/2017/06/Maria-Manuel-Baptista_estudosculturais.pdf

DÍAZ, I. G. Mujeres que ‘interrumpen’ procesos: las primeras antologías feministas en los Estudios Culturales. **Estudios Feministas**, 2009, 17 (2), p. 417-443.

MONTIEL, A. V. Ética feminista e comunicação. **Comunicação & Informação**, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 3-18, 2013. DOI: 10.5216/c&i.v14i2.22441. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ci/article/view/22441>. Acesso em: 21 abr. 2024

WILLIAMS, R. **La larga revolución**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2003.